

“obra apressada, obra estragada” e “a calma é a virtude dos fortes”. Nossa segurança está na boa vontade e na firmeza com que os passos são dados. Isso requer calma, vigilância e contato constante com o melhor em nós: o eu superior.

Saber que a busca pela sabedoria é uma longa jornada para ser percorrida sem pressa, sem expectativas pessoais, constitui uma fonte de paz e otimismo. Isso não quer dizer que afrouxemos nossas tentativas de fazer o melhor a cada momento. Avançar com calma nada tem a ver com inércia, mas com prudência.

A coragem que necessitamos é aquela que nos faz enfrentar os perigos do egoísmo - como o de querer saber mais do que estamos prontos para compreender e de parecer sábios enquanto vivemos na ignorância. A prudência e esse tipo de coragem nascem da tranquilidade interior e é nessa atmosfera serena que observamos detalhadamente a nós mesmos e vencemos os obstáculos.

A lapidação interior é um trabalho exigente. Trabalhar sem pressa mas com precisão é um fator determinante nos trabalhos manuais, e mais ainda no campo da alma. Que a pressa dê lugar à expressão calma da vontade. Devemos autoaperfeiçoar-nos de forma a beneficiar a família, os colegas de trabalho, a humanidade e ajudar a Causa dos Mestres.

O texto “Compromisso Pessoal Com a Vida” diz:

“O equilíbrio resulta de dois elementos: a ausência de desejo egoísta, e a busca impessoal da sabedoria do altruísmo.” [1]

Quando o estudante se dedica ao trabalho teosófico, ele faz isso movido por uma intenção nobre. Contudo, ninguém chega pronto à tarefa. À medida que vamos trabalhando, percebemos em nós próprios várias camadas de egoísmo.

O eu inferior é como uma cebola da qual a cada camada retirada de egoísmo surge uma nova. Exercendo o desapego e a disciplina correta chegaremos a um ponto em que todas as camadas são retiradas.

O realismo pode demolir alguns setores do eu pessoal, mas é uma bênção para a realização do eu superior. O realismo nos faz ver o pior, mas também o melhor de nosso ser. Crescemos interiormente aceitando e combatendo nossas imperfeições através do cultivo da honestidade e do acerto.

Somos complexos em nossa natureza e ao mesmo tempo que há em nós um eu que nunca duvida da Lei, há setores de nossa personalidade que questionam a força do altruísmo e ignoram deliberadamente a presença divina.

A vida tem altos e baixos e nem sempre estamos à altura dos acontecimentos. No entanto, acabamos por perceber que a luz da alma imortal brilha o tempo todo. Se não conseguimos enxergá-la e segui-la isso é outra questão, mas que o eu superior está sempre presente, tentando guiar-nos no melhor sentido, não há dúvida.

Carlos afirmou:

“A verdade é que, em todos os tempos, muita gente vivenciou a sabedoria secreta e universal. E cada um de nós pode vivê-la dentro das suas possibilidades.” [2]

Por vezes é necessário seguir um longo trajeto para reconhecer que estivemos e estamos sempre acompanhados do eu superior e da sabedoria divina.

Buscam-se mestres exteriores, ensinamentos escritos, rituais, fórmulas mágicas, até que percebemos que o Mestre dos mestres está em nosso interior, os maiores ensinamentos são dados pela Vida e a fórmula mágica para a cura e o progresso se resume à prática altruísta. Porém, a busca externa não é algo que deva ser desprezado, pois ela acaba constituindo um meio de nos dirigir para a verdadeira jornada: a busca interna, a expansão de Antahkarana.

A elevação que devemos procurar é interior e implica um decréscimo em sentimentos como a autoimportância, a competição e a vaidade, entre outros. É para essa realidade que temos de despertar com força se temos como missão servir a causa teosófica. Renunciar ao supérfluo é fonte de realização espiritual.

Um Mestre de Sabedoria escreveu:

“Os pecados de vocês? O maior é atribuir a Deus a tarefa de libertá-los deles.” [3]

Essa citação pode ser interpretada de muitas formas. Desenvolver um trabalho teosófico de forma mecânica não é o caminho para a correção de nossas falhas. Não cabe ao eu superior a tarefa de purificação. A vitória do bem na alma apenas depende de nós, daquilo que fazemos a cada momento e com cada momento, de como é gasta a nossa energia e onde colocamos nossa atenção. E quando a luz comanda os vários níveis de consciência, somos capazes de vivenciar aquilo que Sri Aurobindo colocou em versos:

“É minha uma imensidão sem instantes, pura e nua,
E posso alcançar a eternidade de todos os lugares.” [4]

Ser o Todo no plano da alma e o nada no plano da importância pessoal resume os passos que elevam o indivíduo até o reino divino.

(Joana Maria Pinho)

NOTAS:

[1] Do texto “[Compromisso Pessoal Com a Vida](#)”, de Carlos Cardoso Aveline.

[2] Do artigo “A Sabedoria é Só Teórica?”, de Carlos Cardoso Aveline, disponível nos websites associados.

[3] Do texto “Teosofistas Devem Ser Independentes”, de Um Mestre de Sabedoria. O artigo está publicado em nossos websites.

[4] Do poema “A Infinitude do Ser”, de Sri Aurobindo, publicado nos websites associados.

Leadbeater Diz Que Matou Brasileiros

Falso Clarividente Afirma Haver Matado Pessoas de “Raças Inferiores” no Brasil

O primeiro objetivo do movimento teosófico - fundado em 1875 por Helena Blavatsky - é a vivência da fraternidade universal, independentemente de raça, classe, sexo, casta ou religião.

Embora o ensinamento original e os setores autênticos do movimento esotérico sejam antirracistas, existe um desrespeito irremediável em relação a negros e índios em vários livros de Charles Leadbeater, o bispo da chamada “Igreja Católica Liberal” que viveu até 1934 e é o autor mais “importante” da pseudoteosofia ritualista promovida pela Sociedade de Adyar.

É verdade que, desde a vitória da democracia na segunda guerra mundial, os livros de Leadbeater vêm sendo gradualmente deixados de lado. A tendência é saudável, mas tem avançado de modo demasiado lento.

Falso clarividente, Leadbeater foi expulso da Sociedade Teosófica em 1906 pelo seu presidente fundador, Henry Olcott.

Por uma coincidência estranha e lamentável, Olcott morreu poucos meses depois - e Leadbeater de imediato voltou a dominar a Sociedade, criando ritualismos e organizando uma paródia da volta de Cristo. No século 21, a situação é outra. Cresce o número de pessoas que compreendem o alerta feito pelo fundador de Loja Unida de Teosofistas, Robert Crosbie:

“Leadbeater queria ser reconhecido como um grande instrutor, e para chegar a outros reinos da natureza ele usou os meios mais abomináveis - magia negra, na realidade.” [1]

A denúncia das ideias leadbeaterianas é particularmente importante no Brasil, porque o país é multicultural e multirracial, e a sua legislação define racismo como crime. Divulgar as ideias de Leadbeater contraria a lei vigente. Os membros e líderes da Sociedade de Adyar são pessoas sinceras, mas nem sempre estão bem informados, e são, às vezes, vítimas de medo supersticioso. Nos tempos atuais, com acesso mais fácil aos fatos, eles podem e devem ampliar seu contato com a realidade, optar pelo bom senso, e impedir a lamentável divulgação de ideias fascistas em nome da teosofia.

No artigo “**O Racismo em Nome da Teosofia**”, que está disponível em nossos websites, analisamos principalmente o livro “**O Homem Visível e Invisível**”, de Charles Leadbeater. Ali mostramos que este autor expressa a ilusão - supostamente “clarividente” - de que os brancos são superiores aos negros e aos indígenas. Vejamos agora mais especificamente o que Leadbeater afirma em outra obra, em relação ao povo brasileiro.

(Clique para ver o texto completo “[Leadbeater Diz Que Matou Brasileiros](#)”.)

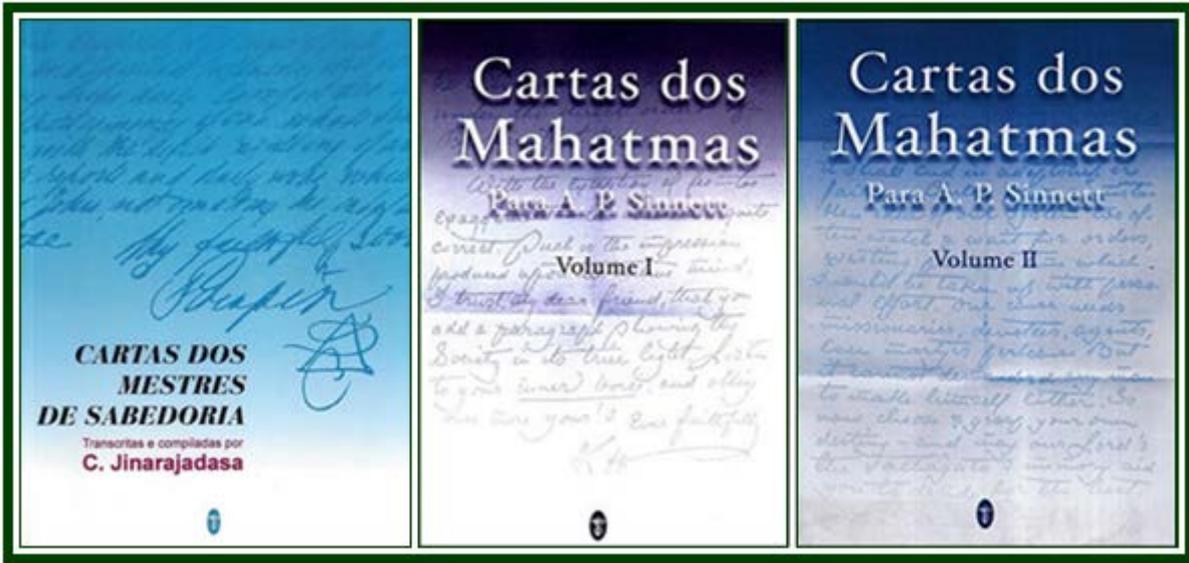
NOTA:

[1] “The Friendly Philosopher”, Robert Crosbie, Theosophy Co., Los Angeles, 1946 / 2008, 416 pp., ver p. 28.

A Força da Teosofia Original

Por Que Abandonei as ‘Obras Fantásticas’ Para Estudar os Ensinos dos Mestres e de H.P.B.

Ailton Santoro



00000000000000000000000000000000

Ailton Santoro é membro da Sociedade Teosófica de Adyar no Brasil desde 1988. Atualmente preside a Loja Rio de Janeiro.

00000000000000000000000000000000

Quando o aspirante ao estudo da filosofia esotérica chega a alguma loja da Sociedade Teosófica em busca de respostas aos seus questionamentos, é invariavelmente apresentado a uma literatura “introdutória” de autores da chamada “segunda geração”.

A finalidade declarada é familiarizar o iniciante com as ideias básicas do pensamento teosófico a fim de que, mais tarde, seja possível a leitura dos livros de Helena P. Blavatsky, principalmente de *A Doutrina Secreta*, a obra-prima da Teosofia, considerada pela maioria dos membros “difícil” ou “hermética”.

Naturalmente, esta condução inicial é vista como a melhor a ser oferecida ao principiante, que é sempre tratado com carinho e respeito. Não há aqui nenhuma crítica pessoal a este processo: apenas a constatação da aplicação de uma didática consagrada pelo tempo, que posterga indefinidamente o estudo das obras fundamentais da verdadeira teosofia, rotulando-as de excessivamente difíceis.

Minha chegada à Loja Rio de Janeiro seguiu o mesmo roteiro. Li obras de autores consagrados na Sociedade. Destes, os mais prolíficos foram Annie Besant e Charles Webster Leadbeater. Através de seus livros, frutos de alegadas investigações clarividentes, conhecemos temas tais como iniciações, religiões orientais, Mestres de Sabedoria, hierarquias planetárias, química oculta, corpos e planos sutis, espíritos da natureza, vidas passadas e muito mais, tudo com tamanha riqueza de detalhes que temos a impressão de que não há nenhum assunto para o qual não haja resposta.

O universo do fantástico, do sobrenatural e do inusitado foi apresentado a nós, e a ele foi dado o nome de “Teosofia”.

Passado algum tempo, e considerando que tinha suficiente familiaridade com os conceitos aprendidos, passei a analisar as obras de HPB, acreditando a princípio que tudo o que lemos previamente encontraria endosso e aprofundamento em seus escritos, principalmente na *Doutrina Secreta*.

Mas, para minha surpresa, o que encontrei nelas foi bem diferente. Tinha diante de mim uma cosmovisão baseada em diversas tradições filosóficas milenares, tanto orientais quanto ocidentais, sem espaço para opiniões pessoais extravagantes, descrições de experiências psíquicas ou assemelhados. Da mesma forma, os conceitos básicos apresentados na teosofia clássica eram diferentes dos conceitos de Leadbeater e Annie Besant; alguns, como os princípios humanos, estavam em clara oposição. Assuntos que eram detalhadamente descritos na “teosofia de segunda geração” encontravam ali pouca ou nenhuma menção. Eu tinha encontrado uma explanação da realidade espiritual que exigia esforço e dedicação para ser apreendida. E mesmo esta apreensão era processada aos poucos, organicamente, de modo que os ensinamentos se desdobram em outros, mais completos, mais sutis. Tinham vida. Eram transformadores. Entendi então que ali estava a Teosofia, e não no que eu tinha conhecido antes.

Na *Doutrina Secreta* não há apelo à nossa credulidade, mas um convite a ir além do significado das palavras e enxergar nas entrelinhas da linguagem mítico-poética dos slokas e dos comentários. O enfoque do estudo tem que ser intuitivo, não dialético; interior, não intelectual e discursivo. A partir daí, sucedem-se os *insights* e a consciência se expande. Princípiam o contato com níveis mais profundos do ser.

Outro momento importante neste processo foi a publicação das *Cartas dos Mahatmas para A.P. Sinnett* em língua portuguesa pela Editora Teosófica. Fomos apresentados a elas pelo irmão Carlos Cardoso Aveline em 2002, quando o convidamos para uma exposição de seu conteúdo em um encontro de dois dias na Loja Augusto Bracet, no Rio de Janeiro.

Seu estudo demoliu em nós outra ilusão, a dos “Santos Mestres”, com toda a carga devocional que a imagem deles possuía para nós e que nos fora transmitida anteriormente. Tínhamos as *Cartas dos Mestres de Sabedoria*, editadas por Jinarajadasa, mas estas, ainda que importantes, não possuem a força da sabedoria sempre crescente que a cronologia das *Cartas dos Mahatmas para A.P. Sinnett* oferece. Suas páginas dão o testemunho da sabedoria não de santos, mas de homens sábios, filósofos eminentes, transmissores de uma ética superior que conhecem a natureza humana por inteiro, sem segredos. Ensinam as possibilidades de seus aspectos superiores, mas não negam as limitações de seus aspectos inferiores; antes, ensinam como tais limitações podem ser transmutadas em forças úteis ao progresso da Alma.

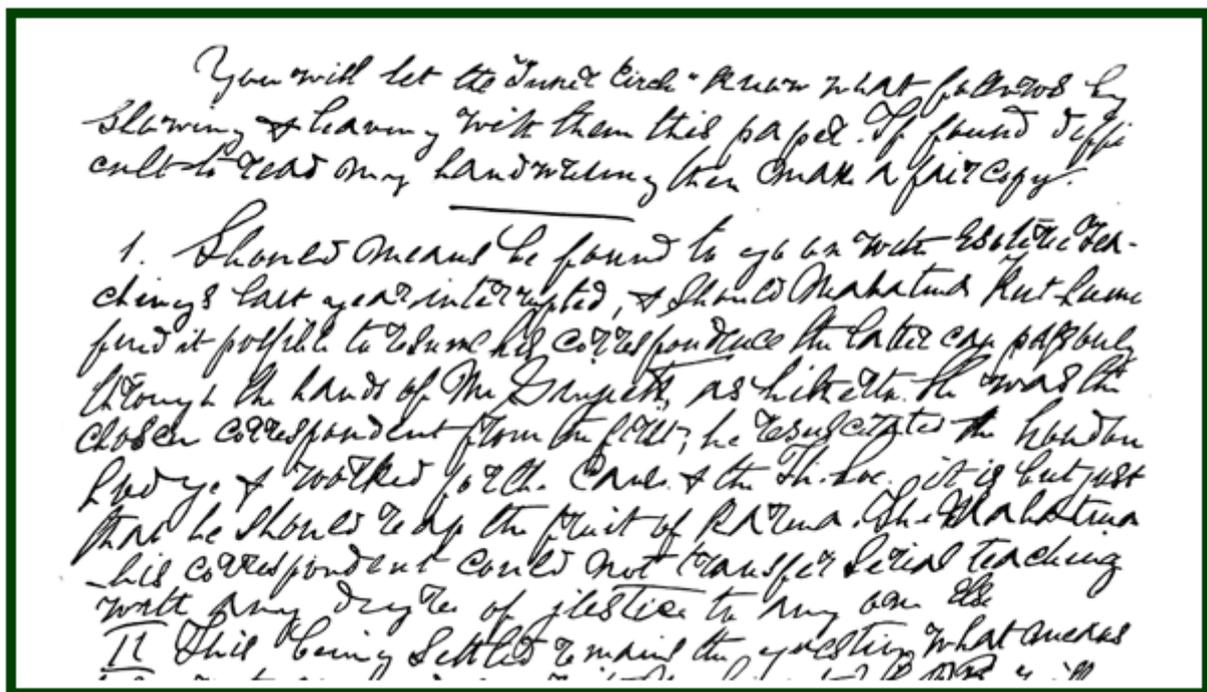
Eles se esforçaram por transmitir e adequar uma mensagem atemporal de sabedoria às formas limitadas das linguagens ocidentais, representadas pelos dois ingleses que foram seus correspondentes, deixando um tesouro inestimável de conhecimento para o mundo.

A partir de então chegamos a um novo patamar na busca do conhecimento sagrado.

Decidi que a literatura teosófica original, tal qual deixada por Helena Blavatsky e pelos dois Mahatmas, seria o meu objeto de estudo. A decisão não foi um fato isolado. Graças a circunstâncias cármicas inspiradoras, faço parte de uma loja que desde o ano de 2002 vem estudando apenas a teosofia clássica.

Ensinamentos de um Mahatma - 06

Trechos das Cartas do Mestre de Helena Blavatsky



Exemplo da letra do Mestre em uma das suas cartas

Nota Editorial:

Este é o sexto de uma série de artigos reunindo cartas escritas pelo mestre de Helena P. Blavatsky. Reproduzimos a seguir o texto da Carta 34 das “Cartas dos Mahatmas”. A edição cronológica diz que a data da carta é dezembro de 1881. A nota explicativa afirma:

“Parece que H.P.B. decidiu finalmente processar um dos jornais por uma acusação particularmente injuriosa. (...) O jornal é obviamente o *Statesman*. Sinnett pediu conselho ao Mahatma. Ele publicou algo em *The Pioneer*, mas aparentemente sente que não pode ir mais longe. O Mahatma telegrafou oferecendo uma opção. A natureza da proposta não é clara, mas lendo a carta cuidadosamente, parece ser uma escolha entre entrar com uma ação judicial e publicar um artigo que revelaria ao público o verdadeiro caráter do difamador.”

(CCA)

000

Carta nº 34

Recebida em Allahabad, cerca de dezembro de 1881.

Se o meu conselho é procurado e solicitado, então, antes de mais nada a situação real e verdadeira precisa ser definida. Meus votos de “*Arhat*” foram pronunciados, e eu não posso buscar vingança nem ajudar outros a obtê-la. Posso só ajudá-la com dinheiro quando souber que nem um *mace*, nem a fração de um *tael* [1] será gasto em algum propósito injusto. E a vingança é injusta. Mas nós admitimos a *defesa*, e ela tem direito a isso. Ela deverá ter plena oportunidade de justificar-se e defender-se, e é por isso que telegrafei oferecendo uma opção antes de iniciar um processo judicial. Ela tem direito de exigir uma retratação e de *ameaçar* com um processo, e também pode começar os procedimentos - porque *ele se retratará*. Por essa razão enfatizei a necessidade de um artigo que não se refira a nenhum outro assunto exceto o da suposta “dívida”. Só isso resultará suficiente para atemorizar o caluniador, porque o revelará diante do público como um “difamador” e mostrará a ele mesmo que estava errado. O erro é devido à letra muito ininteligível e feia de Macauliffe (um calígrafo e escriba do mesmo tipo que eu), que enviou a informação ao *Statesman*. Esse foi um equívoco feliz, pois com base nele pode-se construir toda a justificação, se você agir sabiamente. Mas temos que tirar o melhor proveito disso agora, ou você perderá a oportunidade. Assim, se você consentir mais uma vez em seguir o meu conselho - já que você deu o primeiro passo no *Pioneer*, procure os relatos no *Theosophist* e com base neles e no artigo de terça-feira escreva por ela uma carta bela e contundente assinada por ela e por Olcott. Ela pode ser publicada primeiro no *Pioneer* ou, se você não concordar, em algum outro jornal - mas em qualquer caso, deverão imprimi-la em forma de carta circular, e remetê-la a todos os periódicos do país. Exija nela uma retratação do *Statesman* e ameace-o com uma ação judicial. Se você fizer isto, garanto o êxito.

A Velha Senhora de Odessa [2] - a *Nadyejda* está bastante ansiosa pelo seu autógrafo - o de “um grande e renomado escritor” -; diz que não queria nem um pouco desfazer-se da carta que você escreveu ao General, mas tinha que lhe mandar uma prova de sua própria identidade. Diga a ela que eu, o “*Khosyayin*” [3] (ela chamou-me de *Khosyayin* de sua sobrinha nas três vezes em que a visitei), contei a você o assunto, aconselhando que escrevesse a ela e dando-lhe, assim, o seu autógrafo. Devolva também, através de H.P.B., os retratos dela, tão logo sua esposa os veja, pois ela, em Odessa, está muito ansiosa por recuperá-los, especialmente o do rosto jovem... É ela, tal como a vi pela primeira vez, “a adorável donzela”.

Estou um pouco atarefado agora - mas darei a você um apêndice explicativo logo que tenha tempo - digamos em dois ou três dias. O “Ilustre” cuidará de tudo que necessite vigilância. O que há com o excelente discurso do sr. Hume? Você não pode tê-lo pronto para o seu número de janeiro? *Idem* em relação ao editorial que você escreveu em resposta ao editorial do *Spiritualist*. Espero que você não me acuse de nenhum desejo de *dominá-lo*, nem veja o meu humilde pedido desde outro ângulo que não o verdadeiro. O meu propósito é duplo: desenvolver as suas intuições metafísicas e ajudar o periódico, infundindo-lhe algumas gotas de um sangue literário realmente bom. Os seus três artigos são certamente dignos de elogio. Os pontos estão bem apresentados e até onde posso julgar parecem adequados para atrair a atenção de todo erudito ou metafísico, especialmente o primeiro. Mais tarde você aprenderá

mais sobre a criação. Por enquanto tenho que criar o meu jantar - que, receio, dificilmente seria do seu agrado.

M.

Seu jovem amigo, o Deserdado, está outra vez de pé. Você gostaria, de fato, que ele lhe escrevesse? Em tal caso, é melhor que você aborde no *Pioneer* a questão da conveniência de chegar-se a um acordo com a China para o estabelecimento de um serviço postal regular entre Prayag [4] e Shigatse.

NOTAS:

[1] *Tael* - Unidade de medida de peso na China, sinônimo de *liang*. Unidade monetária no Extremo Oriente. (Nota da edição brasileira das “Cartas dos Mahatmas”)

[2] Tia de H.P.B. (Nota da edição brasileira das “Cartas dos Mahatmas”)

[3] Gerente ou chefe, e russo. (Nota da 3ª edição, em inglês)

[4] *Prayag* - isto é, Allahabad. (Nota da edição brasileira das “Cartas dos Mahatmas”)

[O texto acima reproduz a carta 34 de “**Cartas dos Mahatmas**”, Ed. Teosófica, Brasília, 2001, coordenação editorial de Carlos Cardoso Aveline, Volume I, pp. 174-176. Corresponde à Carta XXXIX em “**The Mahatma Letters**”, A. Trevor Barker (ed.). A edição em inglês de 1926 da obra está disponível em PDF nos websites associados. Fonte da imagem: “**Did Madame Blavatsky Forge the Mahatma Letters?**”, C. Jinarajadasa, TPH, 1934, página não numerada oposta à página 32. O livro também está disponível em nossos websites.]

000

A Luz e a Força de Júpiter

Existe no céu uma fonte gigantesca de fé em nós mesmos, que viaja acima das nuvens há eras insondáveis. O poderoso planeta Júpiter, o mestre do otimismo, passa um ano em cada signo do zodíaco e tem uma relação direta com a religião e a filosofia.

A energia irradiada pelas inteligências coletivas deste gigante celestial expande a nossa visão das coisas e estimula a ação positiva. Sua luz espalha aquele sentimento de amizade universal por todos os seres que foi ensinado pela antiga escola pitagórica, e que constitui a meta primordial do movimento teosófico moderno.

Quinto planeta a contar do Sol, Júpiter é muito mais evoluído que a nossa Terra. Helena Blavatsky escreve:

“Se, por exemplo, a Filosofia Esotérica ensina que o ‘Espírito’ (também coletivo) de Júpiter é muito superior ao Espírito Terrestre, isso não ocorre porque Júpiter é tantas vezes maior que o nosso planeta, mas porque a sua substância e sua textura são muito mais finas que as da Terra, e superiores.”

(Do texto “[A Luz e a Força de Júpiter](#)”, disponível em nossos websites.)

As Virtudes e a Salvação



**“Om... Que a Lei da Harmonia Universal nos proteja.
Que ela coloque diante de nós o fruto do conhecimento.
Que possamos ter a energia necessária para alcançar
a sabedoria. Que o nosso estudo comum revele a Verdade.
Que não haja má vontade entre nós. Om, shanti. Paz.” [1]**

O tema da salvação foi e continua sendo moeda de troca para condutas alicerçadas no medo. A infância espiritual mantém a dependência ao invés de estimular a conquista.

Toda criança depende da aprovação dos pais. Adotar uma atitude de bonzinho em troca de prêmio não é o mesmo que ser bom pela virtude da bondade.

Tudo que nasce, cresce. E crescer em consciência é confrontar padrões divergentes em nossa forma de ser e agir. É deixar o berço para erguer-se diante do propósito da nossa existência.

John Garrigues escreve:

“Há muitos séculos a busca da salvação individual tem sido considerada como o dever de todo bom cristão. ‘O que é que *eu* devo fazer para ser salvo? Quero ser salvo seja qual for o destino do meu irmão’. Este tem sido, e ainda é, o ponto de vista adotado pelos seres humanos em geral.” [2]

O desfilar de rosários com o objetivo do esperado prêmio na “hora da morte” afasta a necessidade da autopreparação. Deixar a vida física como humanos mais aperfeiçoados depende do esforço por conhecer a nós mesmos.

Robert Crosbie alerta que: “A coisa mais importante contra a qual a maior parte dos estudantes devem ter cuidado é a autoilusão. A versatilidade de *Manas* [a Mente] inferior neste sentido está além de toda descrição. Assim, temos de observar para ver se as nossas intenções ostensivas não são uma vestimenta para outras intenções, mais profundas.” [3]

Carlos escreve que o “Dnyaneshwary” propõe uma alternativa para a questão. A obra afirma:

“Agarre-se ao seu dever e nunca deixe que os seus sentidos o desviem. As criaturas aquáticas morrem quando deixam a água; um homem morre [interiormente] quando deixa de lado o seu dever. Um homem que emprega todos os seus recursos disponíveis para desenvolver ações adequadas sem qualquer desejo de recompensa (.....) está livre de todo mal. Seus pecados desaparecem do mesmo modo como a doença com o uso de néctar, ou a ilusão, quando são escutados os ensinamentos dos sábios.” [4]

Os estudantes da Loja Independente têm um acervo com ensinamentos de Sábios de várias tradições. A pesquisa do material mostra uma riqueza inspiradora na biblioteca de seus websites associados.

Abordando a tarefa de autodesenvolvimento e transformação, Francisco de Assis faz uma oração em que se dirige às virtudes:

“Salve, rainha sabedoria, o Senhor te guarde por tua santa irmã, a pura simplicidade! Salve, santa pobreza, o Senhor te guarde por tua santa irmã, a humildade! Senhora santa caridade, o Senhor te guarde por tua santa irmã, a obediência! Santíssimas virtudes todas, guarde-vos o Senhor, de quem procedeis e vindes a nós! Não existe no mundo inteiro homem algum em condições de possuir uma de vós, sem que ele morra primeiro. Quem possuir a uma de vós e não ofender as demais, a todas possui; e quem a uma ofender, nenhuma possui e a todas ofende!” [5]

Os ensinamentos apontam para um crescimento interno em que há muito o que fazer. Aleixo Alves de Souza escreve:

“A teosofia não *salva* ninguém. A salvação não é coisa tão fácil e tão cômoda assim. Fornece, porém, ao indivíduo os materiais para que *ele próprio se salve* pois é esse o plano da Vida, sem o qual o *esforço* próprio resultaria estéril. A ‘salvação’ (não entendais mal esta palavra) é como atravessar um rio caudaloso. A Teosofia não nos toma em seus braços para atravessar conosco ao colo esse rio, mesmo porque isso nos tiraria o mérito e o treino preciosos que resultam de atravessar o rio. O que ela faz é adestrar-nos, fornecer-nos indicações para a travessia. Até mesmo, se o quisermos, oferece-nos um par de remos e possivelmente um barco, porém nós é que temos de entrar no barco e remar, para que a travessia se faça.” [6]

A teosofia consolida nossa confiança na Lei e nos conscientiza da necessidade de construir as causas de um futuro melhor para nós e para todos os seres. A bondade e a generosidade fazem parte de nossa essência. Ao combater o egoísmo, elas desabrocham e florescem em ações.

(Arnalene Passos do Carmo)

NOTAS:

[1] Do texto “[Meditação Para Abrir Estudos](#)”, de Carlos Cardoso Aveline.

[2] Do artigo “A Motivação Correta”, de John Garrigues, publicado nos websites associados.

[3] Palavras citadas no texto “A Ioga do Dever”, de Carlos Cardoso Aveline, disponível em nossos websites.

[4] Palavras citadas em “A Ioga do Dever”, de CCA.

[5] Palavras citadas no texto “O Evangelho Segundo Confúcio”, de Carlos Cardoso Aveline, publicado nos websites associados.

[6] Do artigo “Noções Gerais Sobre a Conduta”, de Aleixo Alves de Souza, disponível nos websites.

000

Uma Corrente de Boa Vontade **Há Seres Que Exemplificam a Sabedoria**



“Sou um elo da Cadeia de Ouro do amor de Buda Amida, que se estende pelo mundo. Devo conservar o meu elo brilhante e forte.” [1]

Segundo a teosofia, somos todos “parte de uma *corrente de amor universal* que integra o cosmo” [2], e “aqueles que sabem” e cuidam de nossa evolução jamais deixaram de velar pela humanidade, trazendo-nos ensinamentos valiosos.

Sabemos da passagem de vários seres entre nós que exemplificaram a bondade e o amor. Entre eles nos lembramos de Gautama Buda, Jesus, H.P. Blavatsky, Francisco de Assis, apenas para citar alguns. E quantos outros não terão vivido, ensinando o bem, mas ficando no anonimato? Seus ensinamentos, entretanto, frutificaram, com certeza, ou darão frutos no futuro.

Nossa capacidade de expressar gratidão aos irmãos mais avançados da humanidade é limitada. O que podemos fazer de melhor nesse sentido é tentar vivenciar e exemplificar o ensinamento recebido.

(Silvia Caetano de Almeida)

NOTAS:

[1] “Buda Amida” significa “Luz Eterna e Vida Infinita”. Palavras citadas no texto “[Para Começar o Ano Novo](#)”, publicado em nossos websites.

[2] Do artigo “Para Começar o Ano Novo”.

Sobre o Perdão

A Prática Impessoal da Bondade



**“Creio em mim mesmo. Creio nos que trabalham comigo.
Creio nos meus amigos. Creio que a Lei Universal, a Vida,
colocará ao meu alcance o que necessito para triunfar, contanto
que eu me esforce para alcançá-lo por meios lícitos e honestos.” [1]**

Sempre lembro das muitas pessoas que já conheci nesta encarnação.

Penso em todo o benefício que a companhia delas me trouxe, por intermédio de experiências e vivências que contribuíram, em um ou outro grau, para o que sou hoje.

Com o aprendizado diário que a LIT me proporciona, aprendo a transmutar tais pensamentos em gratidão, a qual floresce a meu redor como uma energia que me irmana a todos os seres.

Vejo que faz parte, no entanto, o esforço por abrir o meu coração e cada vez mais aprender a realidade de que sou partícipe de uma mesma jornada de autoconhecimento, com todos os seres, em que a ajuda mútua é a fórmula que deve estar sempre presente.

Nem tudo são flores, é claro.

Penso que, para mim, ainda um infante dando passos claudicantes no caminho do aprendizado discipular, são importantes as lições que chegam a partir de situações desagradáveis.

É necessário lembrar sempre de “Luz no Caminho”:

“A inteligência é imparcial: ninguém é teu inimigo; ninguém é teu amigo. Todos são teus instrutores.” [2]

Carlos Cardoso Aveline afirma:

“Podemos estar insatisfeitos com essa ou aquela situação particular, mas temos fortes motivos para ser gratos à vida. Tudo o que somos é resultado da ajuda de outras pessoas. Desde o nascimento fomos auxiliados a cada passo. A casa que habitamos, a roupa que vestimos, nosso alimento, tudo é resultado do apoio de outras pessoas e do trabalho de incontáveis gerações anteriores. Até mesmo a pior das sociedades humanas só existe enquanto há auxílio recíproco entre seus membros. Por isso, a competição é um aspecto menor na natureza. A cooperação é a lei.” [3]

A cooperação é uma energia que reside na ausência de conflito. O caminho da ajuda mútua passa pelo exercício constante do perdão. Vejo como correto perdoar a mim mesmo e aos outros, a partir de uma reflexão profunda acerca da ignorância.

O exercício do perdão é nobre e possui a grandeza do universo. Cardoso Aveline acrescenta:

“O motivo prático para perdoar e pedir perdão em minhas orações e meditações é simples. Um dos principais beneficiados com isso sou eu mesmo. Quando tenho a autoestima necessária para perdoar e pedir perdão sinceramente, eu me liberto de mágoas imensas e de apego ao passado. Então certos pesos insuspeitados desaparecem do meu subconsciente. Meu pensamento pode chegar de algum modo até a alma que fiz sofrer um dia e libertá-la de uma parte das suas dores. Ao mesmo tempo, eu me liberto pelo menos em parte do peso do erro em minha consciência. Fico mais leve e mais apto para ser feliz.” [4]

O aparente pequeno ato de perdoar reverbera por entre as esferas infinitas que constitui o ser imortal em cada um de nós.

Acerca da nobreza da alma, Martinho Bracarense fez algumas constatações:

“Se na tua alma morar a *magnanimidade*, que também se chama *fortaleza*, em grande segurança viverás livre, intrépido, desassustado. É um bem do homem magnânimo não vacilar, não desmentir de si mesmo, e esperar desassombrado o fim da vida. Nada há grande nas coisas humanas senão o ânimo que despreza as coisas grandes. Se fores magnânimo, nunca pensarás que alguém te faz uma afronta. Do inimigo dirás: ‘não me fez mal, teve intento de o fazer’; e quando o tiveres debaixo do teu poder considerarás como vingança poder tomá-la: pois deves saber que é um honrado e grande gênero de vingança o perdoar.” [5]

O exercício da bondade e do perdão deve ser impessoal e silencioso. Cada ato de perdoar é um pequeno passo adiante, que fortalece o indivíduo. Cardoso Aveline destacou:

“A caminhada da alma humana avança sem pressa e sem pausa, e inclui um período de tempo que bem poderíamos considerar uma eternidade. Mas cada passo dado no caminho amplia o horizonte, alivia o sofrimento e nos torna interiormente mais felizes.” [6]

(Emanuel Tadeu Machado)

NOTAS:

[1] Palavras de Napoleon Hill adaptadas por Carlos Cardoso Aveline em seu artigo “[A Força de um Compromisso Sagrado](#)”.

[2] “Luz no Caminho”, de M.C., edição luso-brasileira com tradução, notas e prólogo de Carlos Cardoso Aveline, The Aquarian Theosophist, Portugal, 2014, 85 pp., p. 35.

[3] Do texto “O Perdão Que Transcende o Conflito”, publicado em nossos websites.

[4] Ibid.

[5] Do artigo “Regra da Vida Honesta”, de Martinho Bracarense, disponível nos websites associados.

[6] Do texto “O Perdão Que Transcende o Conflito”, de CCA.

000

O Lado Luminoso de Saturno

Para a teosofia (...) o planeta físico Saturno é o *veículo* ou instrumento do Saturno mitológico. Embora haja uma diferença entre o plano material e o plano espiritual deste corpo celeste, a interação entre eles é bastante semelhante à relação entre o ser humano físico e a sua alma.

Saturno é o Mestre do Carma, do Tempo, e das Estruturas (físicas e sutis). Ele preside a colheita cármica dos seres humanos, e ajuda a orientar o modo como eles agem diante do carma maduro. Mas também é regente do Carma *Kriyamana*, o novo carma que nós decidimos plantar a cada momento da vida. Saturno orienta o foco central dos nossos esforços. Ele ensina os seres humanos a aproveitar as oportunidades positivas de que estão rodeados o tempo todo, de modo a construir uma felicidade duradoura.

Mestre da disciplina e da concentração, rigoroso em relação a distrações ou desperdício de energia, Saturno desempenha um papel fundamental no simbolismo da escada para o céu que faz parte dos Mistérios Mitráicos, da antiga Roma. Dos sete degraus daquela escada, o primeiro corresponde ao “céu de Saturno”, e está a cargo da influência exercida pelo espírito deste planeta.

(Do texto “[O Lado Luminoso de Saturno](#)”, publicado nos websites associados.)

Ideias ao Longo do Caminho

A Vida é Como Uma Esfinge Diante de Você



- * É perda de tempo adotar como alta prioridade a melhora do mundo das consequências, tentando torná-lo fácil e agradável a curto prazo. Como meta central, as causas do sofrimento humano devem ser compreendidas, e depois derrotadas. Cabe lutar contra elas desde o ponto de vista da afinidade interna entre a vida humana e a vitória da alma espiritual.
- * Quando evitamos o processo da autoilusão, vemos que a energia do contentamento não vem do mundo externo. A felicidade verdadeira surge do eu superior.
- * Fatos planetários visíveis, como devastação ambiental; mudança climática devido ao excesso de CO₂; corrupção na mídia, na política, e na administração pública; as epidemias da criminalidade, do terrorismo, da violência doméstica, da degeneração moral e da dependência de drogas, assim como a proliferação nuclear, são meros efeitos sociológicos e ecológicos do egoísmo ou ignorância espiritual.
- * As almas ingênuas só conseguem aprender enquanto enfrentam graus significativos de sofrimento. E quase todas as almas têm algo de ingenuidade.
- * Quando as pessoas compreendem bem a relação entre causa e efeito e agem corretamente, a bênção da sabedoria começa a fluir.
- * A vida é como uma esfinge diante de você. Ela levanta vários enigmas, que você precisa decifrar. Caso contrário, ela o devorará e o tornará irrelevante para seu eu superior, sua alma espiritual.

